

XADOR

Uma vez, uma paulistana de menos de trinta, me disse que não botava película escura nos vidrios do seu carro porque preferia correr o risco de ser assaltada a perder a oportunidade de ser paquerada. O que aconteceu de lá para cá com as mulheres?

Quando eramos (mais) jovens, a cantada era uma arte e a paquera um ato de coragem. Longe de querer ofender, queríamos fazê-las rir, com saídas espirituosas, e, se possível, levá-las para a cama. Queríamos, em suma, causar-lhes o desejo. Eu tinha palpitações e borboletas na barriga, como dizem os ingleses, quando me forçava (sim, me obrigava, porque caso contrário ia me sentir um covarde miserável durante meses) a chegar numa menina linda. E aceitava os foras, mais ou menos humilhantes, como um duque. E quando conseguia um número de telefone, tocava o céu com as mãos, sem necessidade da Purple Haze, cantada por Jimi Hendrix. E que mal havia nisso tudo?

A Maria Rita Kehl, que nunca perdeu a feminilidade por causa do feminismo, é achincalhada por ter dado uma resposta *de bom senso* para uma moça bonita que quer mostrar as pernas sem "ser tratada como *objeto*[sic]". Como objeto? Que objeto? Um móvel? Uma joia? Um bichinho de pelúcia? Um bicho de estimação vivo? Que objeto?

A Fernanda Torres escreveu uma crônica singela e pessoal, sobre seu apreço da cantada e da paquera, e a sua simpatia pelas mulheres que gostam disso e pelos homens que a praticam, e foi apedrejada em praça pública por uma matilha de hienas raivosas, mais ou menos ilustradas. Uma das respostas impressiona pela virulência, o ressentimento, a mágoa... a inveja. Em todo

caso, a colunista ficou tão amedrontada por ter remexido naquele vespeiro, que publicou um *mea culpa* miserável, de dar vergonha, o que obviamente só serviu para aumentar a violência contra ela. *Merecidamente*, cabe acrescentar. Não devia ter se desculpado. Nada havia que perdoar-lhe e devia (sim, *devia*: eticamente, ou se banca o que se disse ou escreveu ou então, não se diga nem se escreva nada) ter seguido o lema de Disraeli (primeiro ministro inglês na era victoriana, à qual estamos regressando, não só, mas também graças a nossas feministas): *Never complain, never explain –nunca reclame nem se justifique*.

Nas universidades e nas escolas, garotos tão amedrontados quanto (ou mais: os homens temos terror das mulheres, por isso tantos as tratam tão mal: falei sobre isso em uma conferência chamada *Blasfêmeas*¹, com o intuito de entender-lhe a lógica –*único* modo de encontrar uma solução *real* para um problema *real*: a violência contra as mulheres– e fui acusado, pasmem, de "pretender justificar a violência contra a mulher"); garotos, dizia, são condenados ao ostracismo por "coletivos feministas" nas universidades e nas escolas que frequentam. E por quê? Por serem "pegadores" (e supondo-se que sejam, o que tem de errado? Não são estupradores. Seduzem-nas e elas vão atrás –mas *não* como crianças atrás do flautista de Hammelin, vão como adultos atrás dos seus desejos. Eles mentem para todas... Ô horror! Ô judiação! Dizem para cada uma que são a única, como Casanova –que hoje seria certamente processado por falsidade ideológica...).

A Marie-Hélène Brousse, psicanalista francesa, autodeclarada feminista, durante uma conferência sobre "gênero", faz e não responde, a seguinte pergunta: "por que a metade dos seres falantes tem que pedir licença simplesmente para estar na praça pública?" Explica: os homens podem passar ou permanecer sem ser vistos ou incomodados em qualquer lugar, uma

¹ *in* ricardogoldenberg.com.br

mulher sempre tem que justificar a sua presença de um modo ou de outro. Ponhamos por exemplo, uma mulher no metrô, cuidando da sua vida. Os marmanjos se autorizam (eu diria: "sentem-se obrigados") a chegar nela. Se ela for simpática: "está no papo" (= não vale nada). Se for antipática, ou neutra: "quem ela acha que é?" (= não vale nada). Não tem solução, conclui. A fala de uma mulher islâmica, de xador, na TV5, oferece uma solução bastante singela: "coitadas das ocidentais, não são livres; são escravas dos olhares masculinos; nós é que somos livres." Pronto!

Basta *parar de querer* mostrar as pernas e vestir xador. Assim, não serão mais tratadas como objetos, mas como "sujeitas" (sic), status reivindicado pela autora de um dos textos hidrofóbicos contra "a mulher branca, rica e famosa: traidora da causa feminina", que comentava acima.